

**CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DO PARLAMENTO**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
“LEGISLATIVO E DEMOCRACIA NO BRASIL”**

ANDRÉ THIAGO REBECHI

**Breve estudo do perfil dos foliões dos blocos e do
crescimento do Carnaval de Rua de São Paulo (2014-2018)**

São Paulo

2018

**CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DO PARLAMENTO**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
“LEGISLATIVO E DEMOCRACIA NO BRASIL”**

ANDRÉ THIAGO REBECHI

**Breve estudo do perfil dos foliões dos blocos e do
crescimento do Carnaval de Rua de São Paulo (2014-2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola do Parlamento da
Câmara Municipal de São Paulo como
requisito parcial para aprovação no
curso de Pós-Graduação Lato Sensu
“Legislativo e Democracia no Brasil”.

Orientadora: Ana Maria Capitanio

São Paulo

2018

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 4 |
| METODOLOGIA..... | 6 |
| BREVE HISTÓRICO DO CARNAVAL PAULISTANO | 8 |
| O PERFIL DO FOLIÃO DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO..... | 12 |
| A EXPANSÃO DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO..... | 15 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 21 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 23 |

INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo, por muitos anos, foi rotulada como o “túmulo do samba”, graças a uma declaração pública de Vinicius de Moraes feita durante um show de Johnny Alf na boate Cave, localizada na Rua da Consolação, e que repercutiu nacionalmente. São Paulo, por muito tempo carregou este fardo, mesmo com a tradição de escolas de samba como Vai-Vai, Camisa Verde e Branco e Nenê de Vila Matilde, compositores como Adoniran Barbosa, e grupos deste estilo musical como os Demônios da Garoa. Por diversos motivos, os desfiles das escolas de samba de São Paulo não recebiam o tratamento e investimento dos desfiles que aconteciam no Rio de Janeiro. Ainda, não havia regulamentação para o Carnaval de Rua com blocos e cordões, diferente do que acontecia no Rio de Janeiro, Recife, Olinda e em Salvador, o que tornava a festa paulistana menor em relação às capitais citadas.

Esta situação começou a mudar na última década, quando, por meio do Decreto Municipal nº 54.815, de 5 de fevereiro de 2014, instituído pelo então Prefeito Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores – PT), iniciou-se um movimento para valorizar o Carnaval de São Paulo, com a criação de blocos carnavalescos, o incentivo à participação popular e organização dos locais do evento. A legislação supracitada foi alterada em partes no ano seguinte pelo Decreto Municipal nº. 55.878, de 29 de janeiro de 2015 e, posteriormente, revogada por meio da publicação do Decreto Municipal nº. 56.690, de 7 de dezembro de 2015. Após a mudança de gestão a partir de 2017, o então Prefeito João Dória (Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB) por meio do Decreto Municipal nº 57.916, de 5 de outubro de 2017, revogou a legislação anterior, com o objetivo de regulamentar questões não pontuadas, em virtude do notável crescimento do Carnaval de São Paulo como um todo.

Até o ano de 2013, não havia regramento específico para o Carnaval de São Paulo, sendo este um evento previsto no calendário da cidade, promulgado por meio da Lei Municipal nº. 14.485, de 19 de julho de 2007, e organizado nos termos do art. 7º, inciso XIV. Eram poucos blocos carnavalescos e a festa era praticamente restrita aos desfiles das escolas de samba do Grupo Especial e Acesso no Sambódromo do Anhembi, de responsabilidade da Liga das Escola de Samba de

São Paulo – Liga SP, com o apoio da São Paulo Turismo S/A – SP Turis e dos demais grupos de menor expressão realizados em logradouros públicos, estes de responsabilidade da União das Escolas de Samba Paulistanas – UESP. Desta forma, houve a iniciativa do poder público em fortalecer o Carnaval de São Paulo e a ocupação do espaço público, por meio dos blocos carnavalescos de rua. Ainda, cabe ressaltar a criação do Estatuto do Samba Paulistano, instituído por meio da Lei Municipal nº. 16.528, de 25 de julho de 2016, que conforme disposto em seu artigo 1º, foi criado com o objetivo de criar incentivos e estabelecer normas, mecanismos e procedimentos para a proteção, o fortalecimento e o desenvolvimento do Samba no Município de São Paulo.

Para além dessas iniciativas públicas em fortalecer o Carnaval Paulistano, o objetivo deste trabalho é verificar quais fatores influenciaram o aumento quantitativo de blocos de rua participantes do Carnaval na cidade de São Paulo, considerando o intervalo histórico entre 2014 e 2018, ocasionado após a regulamentação do Decreto Municipal nº 54.815, de 5 de fevereiro de 2014, e alterações posteriores.

Como hipótese, considera-se que o perfil do folião paulistano foi um forte fator que influenciou o aumento dos blocos, tanto em quantidade de foliões como também em quantidade de blocos a desfilar no Carnaval de Rua de São Paulo.

METODOLOGIA

O estudo será executado com a realização de uma pesquisa documental, tendo como ponto de partida a pesquisa na internet, em plataformas como o Google, onde foram encontrados artigos acadêmicos, materiais de divulgação e reportagens que colaboraram com o trabalho. Importante frisar que foram localizadas publicações acadêmicas que compõem o acervo do Scielo.br e as legislações municipais vigentes que tratam do Carnaval Paulistano no Portal da Câmara Municipal de São Paulo, e que vieram a fazer parte da bibliografia deste estudo.

Cabe destacar que houve a busca por informações por meio da LAI – Lei de Acesso à Informação – Lei Federal 12.257/2011, junto ao Município de São Paulo, por meio de questionamentos à Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Subprefeituras. Em ambos os casos, por meio das respostas fornecidas pelos órgãos, foi possível verificar que a Prefeitura de São Paulo não possui um banco de dados dos blocos que desfilaram no período compreendido pela pesquisa, ou seja, de 2014 a 2018.

Preliminarmente, a Secretaria Municipal de Cultura, responsável pelo Carnaval de Rua em São Paulo até 2017, informou que “não há editais de chamamento de blocos, mas um cadastramento que, infelizmente, não está mais disponível, uma vez que a programação se renova anualmente”. Diante dessa resposta e da impossibilidade de mapeamento do perfil dos blocos (objeto da pesquisa até então), foi feito questionamento à Secretaria Municipal de Subprefeituras, sobre o Carnaval de Rua de um modo geral (informações sobre o investimento e infraestrutura do evento), obtendo-se a seguinte resposta:

“As inscrições de blocos para o carnaval 2019 ainda não foram abertas. Quanto ao carnaval 2018 a Secretaria Municipal das Subprefeituras informa que nenhum dinheiro público foi investido no Carnaval de Rua de São Paulo em 2018. O valor total de investimento foi de R\$ 15.571.701,44, integralmente pago pela vencedora do Chamamento Público para a seleção da empresa parceira, Dream Factory. Em relação aos blocos, a Prefeitura e a patrocinadora do evento ofereceram total infraestrutura, como organização, limpeza, segurança, amparo ambulatorial e conforto em parceria com CET, AMLUB, GCM, entre outros. Possibilitando assim a realização do evento com a grandiosidade que foi o carnaval 2018. Foram 2,3 milhões de foliões em 459 desfiles, público 300% maior do que o reunido em 2017 e com uma estrutura muito mais adequada à

necessidade da cidade. O público contou com 21 mil banheiros químicos; 80 postos médicos; 480 ambulâncias de UTI móvel; 730 ambulâncias de remoção; e 10 mil ambulantes cadastrados em 8 dias de evento” (São Paulo, 2018).

Ainda, será feita a análise quantitativa e qualitativa do perfil dos foliões, bem como os motivos que ocasionaram a expansão da festa em São Paulo, diante das informações obtidas por meio dos Relatórios do Observatório de Turismo da São Paulo Turismo – SPTuris, publicados a partir de 2015, que tem por assunto um mapeamento geral do Carnaval Paulistano, abrangendo em um primeiro momento o Carnaval do Sambódromo (Desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial e Acesso), a seguir o Carnaval de Rua (Blocos de Rua) e finalmente a apresentação de considerações finais sobre pontos importantes da pesquisa, realizada de forma individualizada para cada tipo específico de Carnaval em São Paulo (Sambódromo ou Blocos de Rua) num mesmo documento.

BREVE HISTÓRICO DO CARNAVAL PAULISTANO

A pluralidade sociocultural presente em São Paulo no início do século XX fez com que o Carnaval tivesse em suas origens elementos africanos misturados com o catolicismo, em especial a dança e a percussão, por meio do batuque presente nas senzalas. Carvalho (2009) expõe que em 1910, existiam três núcleos de festejos de Carnaval, localizados no Centro (com a presença de negros e mestiços), no Brás (com a presença dos imigrantes) e a Avenida Paulista, onde ocorria o Carnaval da elite paulistana, por meio do desfile do curso, que contavam com luxuosos automóveis abertos e ornamentados e foliões fantasiados.

Se atualmente temos os bairros de Vila Madalena e Pinheiros como os mais procurados pelos foliões durante o Carnaval, nos primórdios da festa de rua em São Paulo o principal bairro era o Brás, composto por imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, que em meio ao processo de industrialização paulistano, tornou-se um dos mais procurados pelos foliões, e neste bairro surgiu o primeiro desfile carnavalesco paulistano, conhecido como “arrabalde do Brás”. Além do Brás, os bairros da Barra Funda, Glicério e Bela Vista, compostos principalmente por negros, também começaram a organizar desfiles na Capital nos anos 20, conforme Carvalho (2009). Neles, surgiram alguns cordões carnavalescos, como o “Cordão Campos Eliseos”, e o “Grupo Carnavalesco Barra Funda”, que depois foi apelidado pelo próprio público como “Cordão Camisa Verde” e que originou a escola de samba Camisa Verde e Branco, que atualmente desfila no Grupo de Acesso do Carnaval Paulistano. Temos ainda outros bairros relevantes para a formação do Carnaval de Rua de São Paulo, como o “Clube Carnavalesco Lapeano”, criado por operários do bairro da Lapa.

Ainda sob a égide do trabalho de Carvalho (2009), no decorrer da década de 30, há uma mudança significativa no Carnaval, com o surgimento de novos cordões, ranchos, blocos carnavalescos e escolas de samba. Nos anos 30 e 40, surgiram no bairro do Bixiga duas referências para o Carnaval Paulistano: o “Bloco dos Esfarrapados”, sendo que este bloco fundado em 1947 é o mais antigo de São Paulo, e o “Cordão Carnavalesco e Esportivo Vae-Vae em 1930, atualmente a tradicional escola de samba Vai-Vai, a maior campeã do Grupo Especial da LigaSP.

Outras escolas de samba que existem até hoje foram fundadas neste período, como a Lavapés, no bairro da Cambuci, e a Nenê de Vila Matilde. Cada um deles tinham características próprias, e graças a participação popular, ocorreu a descentralização do Carnaval Paulistano, que migrou do centro para a periferia.

De acordo com Carvalho (2009), os cordões eram agremiações que tinham uma coreografia linear, e apresentavam em seus desfiles marchas, choros e sambas num ritmo caracterizado triste originado do estilo de dança cucumbi. Os ranchos, por sua vez, tiveram por origem a junção dos blocos e cordões com os trios de reis nordestinos, que mais tarde originaram o que seriam as Escolas de Samba, sendo que os ranchos paulistanos tinham características semelhantes às dos cordões, diferenciando-se destes por conta da supremacia dos instrumentos de corda em relação à percussão. Ainda, cabe ressaltar que à época os blocos eram considerados briguentos e desorganizados, uma vez que as primeiras alas chamadas de baianas eram formadas por homens vestidos de mulher, que escondiam armas em suas saias. Ao todo, naquela época existiam mais de 20 (vinte) grupos, os chamados cordões, que contribuíram decisivamente para a consolidação do carnaval de rua em São Paulo.

Um outro ponto chave para a consolidação do carnaval na cidade foi a ampla divulgação do samba, que gerou mudança na forma de desfile das escolas de samba, que migraram das marchas ao samba. Por outro lado, o carnaval continuava restrito aos bailes da elite, mesmo com o crescimento das escolas de samba e do apoio oficial para os desfiles. O resultado disto era que o povo ainda ficava longe da festa, devido ao alto custo e dos comerciantes que aplicavam preços abusivos, que afastavam o público menos favorecido da festa ano após ano.

Carvalho (2009) define que naquela época a festa mudava de endereço e que grupos de jornalistas divulgavam o fim do carnaval. Para a autora “o que aconteceu na década de 40, foi que ele mudou de endereço, do centro da cidade para a periferia. Era a descentralização. Enquanto a animação morria nas ruas centrais ia-se solidificando sua hegemonia pelos bairros.” (CARVALHO, 2009, p. 92).

Em seu estudo referente ao Carnaval de São Paulo e respectivo perfil do folião na década de 1950, Silva (2015, p. 100) expõe a “(...) estrutura de massificação de seus bailes, que passam a ocorrer em amplos espaços destinados

a uma multidão de foliões, características essas que se confundem com a própria capital, metrópole em constante aceleração (...).”

É esta realidade, que tem por contexto o cenário político-social-econômico do país, em plena Era Vargas, seguiu rumo à valorização das expressões culturais da população e a forma a qual ocupa os espaços públicos, mediante o processo de urbanização, industrialização e o aspecto sociocultural existente na cidade de São Paulo.

Essa mesma autora ainda comenta, que o Carnaval acontecia em espaços preparados para receber multidões de foliões, como o Estádio do Pacaembu, Parques (em especial o Parque do Ibirapuera, inaugurado em 1954), o Aeroporto de Congonhas e o Cine Odeon. A imprensa, à época, colaborava na popularização do Carnaval em São Paulo, por meio dos jornais, que anunciavam a programação dos bailes de Carnaval realizados nos clubes, parques, cinemas e demais áreas públicas do município.

Em virtude do Golpe Militar de 1964 e seus desdobramentos, ocorreram mudanças significativas no Carnaval de Rua em São Paulo. Para Carvalho (2009), o golpe militar trouxe muitas restrições às manifestações populares, uma vez que as agremiações só podiam desfilar mediante autorização do governo e respectivo alvará. Até 1967 os desfiles eram patrocinados por jornais, emissoras de rádio e televisão, e comerciantes, e a partir do ano seguinte os desfiles passaram a contar com a promoção da Prefeitura de São Paulo, por meio de sua Secretaria de Turismo. Isto ocorreu durante a gestão do então Prefeito Faria Lima, que somente direcionou recursos financeiros para as entidades carnavalescas que fossem legalmente constituídas, e que tivessem os estatutos consolidados de forma regular.

Desta forma, os sambistas se organizaram e criaram uma federação para obterem a ajuda financeira. Pouco se conhecia sobre as características das escolas de samba paulistanas, e uma vez que havia a urgência tanto das organizações como do poder público em consolidar o novo modelo de carnaval, foram elaborados normas e regulamentos copiados dos estatutos das escolas de samba do Rio de Janeiro, que segundo Morais (1978), gozavam de prestígio internacional.

Carvalho (2009), questiona a forma de que este regramento foi imposto e aceito pelas entidades carnavalescas paulistanas:

(...) Podemos então perguntar: por que os sambistas aceitaram pacificamente essas normas, uma vez que elas representavam uma alienação às tradições carnavalescas paulistanas? Para os dirigentes das agremiações o reconhecimento oficial, as verbas para montagem de seus desfiles, bem como a relativa liberdade de diversão de sua comunidade, representavam uma nova carta de alforria, os “detalhes” ficariam para depois, esses “pormenores” seriam insignificantes perto da marginalidade em que o samba paulistano vivia. Assim é que, a partir do carnaval de 1968, as escolas de samba paulistanas passaram a ser estruturadas de acordo com o modelo carioca.(...) (CARVALHO, 2009, p. 92-93)

Algumas mudanças características do carnaval do Rio de Janeiro foram notadas em São Paulo, como o fim dos balizas em detrimento à comissão-de-frente, o estandarte substituído pelo casal de mestre-sala e porta-bandeira, a obrigatoriedade da ala das baianas, a relevância do enredo que passa a delinear o desfile como um todo por meio da criação das “alas”, a substituição do “bataque” pela “bateria” e o banimento dos instrumentos de sopro na parte musical. Carvalho (2009) ainda expõe que os jornais à época relacionavam esta mudança com o “fim da cultura popular paulistana”.

Em 1970, o então prefeito Paulo Maluf incluiu o Carnaval no calendário oficial de eventos da cidade de São Paulo, sendo que em 1971 ocorreu o último desfile dos cordões carnavalescos paulistanos, que deu lugar aos desfiles das escolas de samba a partir do ano seguinte. Estes desfiles aconteciam no Vale do Anhangabaú, e com a necessidade de aumento na organização e crescimento do público, os desfiles passaram a ocorrer a partir de 1973 na Avenida São João, trazendo novamente a concentração da festa para a região central de São Paulo. A Avenida Tiradentes, na região da Luz, recebeu na década de 80 os desfiles das escolas de samba, e diante da grandiosidade da festa, o Sambódromo do Anhembi, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em 1991, passou a receber os desfiles do Grupo Especial e Acesso, colaborando assim com o fomento ao turismo em São Paulo durante o Carnaval.

O PERFIL DO FOLIÃO DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO

Tendo em vista o novo cenário vislumbrado no Carnaval de Rua de São Paulo, com o sucesso do evento em 2014, a São Paulo Turismo – SPTuris, empresa oficial de turismo e eventos da cidade de São Paulo, por meio de seu núcleo de estudos e pesquisas (Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo), passou a realizar a partir de 2015 um levantamento de dados acerca do Carnaval Paulistano como um todo (entrevistas com os foliões no Sambódromo do Anhembi e nos diversos blocos de rua, levantamento do impacto econômico-financeiro e da interação sobre o evento nas redes sociais).

Considerando as informações constantes dos relatórios elaborados e disponibilizados pela SPTuris, no período entre 2015 e 2018, verifica-se, ao longo dos anos, que não houveram alterações significativas quanto ao perfil do folião do carnaval paulistano de um modo geral, se compararmos as pesquisas realizadas durante os desfiles nos Blocos Carnavalescos de Rua e os desfiles realizados no Sambódromo (objetos da pesquisa da SPTuris). O público folião é composto majoritariamente por pessoas com faixa etária entre 18 (dezoito) e 39 (trinta e nove) anos, tantos homens como mulheres, que residem na capital, e que utilizam como principais meios de transporte o metrô e o automóvel (destaca-se a utilização do transporte por meio de aplicativos). Desta forma, resta evidenciado o forte apelo que o Carnaval de Rua Paulistano possui com o público jovem.

O relatório elaborado em 2015 teve uma abordagem específica no monitoramento de mídias sociais. Neste levantamento, o *Instagram* foi a mídia mais utilizada, seguido do *Facebook* e do *Twitter*, comprovando assim que as ferramentas de postagem de fotos são aquelas que o público em geral mais utiliza para falar sobre o carnaval de rua paulistano. Existe uma interatividade entre estas plataformas, uma vez que as fotos do *Instagram* aparecem na linha do tempo do *Facebook* e do *Twitter*. Cabe ressaltar, ainda, a importância das mídias sociais como ferramenta de informação sobre o Carnaval de Rua de São Paulo, uma vez que 92,83% das mensagens foram positivas ou neutras, e que a audiência direta e indireta das mensagens analisadas (total de 11 mil mensagens aproximadamente), tiveram alcance a quase 7 milhões de usuários das plataformas sociais.

O reflexo desta interação nas mídias sociais, ferramenta digital muito utilizada pelo público jovem, foi notado na pesquisa do ano seguinte, uma vez que a pesquisa feita especificamente na Vila Madalena, tinha por objetivo de traçar o perfil dos foliões presentes na região, bem como seus hábitos após o término das apresentações dos blocos. Esta pesquisa apresentou a maciça presença de jovens entre 18 e 24 anos no bairro, sendo que do público entrevistado 86% não saiu em nenhum bloco, e foram para a Vila Madalena pela fama do bairro quanto a seus bares.

Verifica-se, ainda, ao longo dos anos, que os foliões entrevistados apontam o crescimento da festa em relação aos anos anteriores, e a melhoria da organização. Ainda, destaca-se o crescimento no número de turistas presentes na cidade durante o período de Carnaval, uma vez que, além dos desfiles no Sambódromo do Anhembi, que atrai turistas do Brasil e do exterior, o novo modelo de Carnaval de Rua implementado em São Paulo fez com que estas pessoas participassem da festa nos espaços públicos, fomentando assim diversos setores da economia, indo além de atividades diretamente relacionadas à atividade como hotelaria, agenciamento de viagens e transporte. Em 2017, conforme apontado no relatório da SPTuris, a cidade de São Paulo ficou apenas atrás do Rio de Janeiro como destino turístico brasileiro mais procurado no Carnaval.

A pesquisa realizada em 2018 mostra que as despesas realizadas pelos subiu de R\$ 519 (2017) para R\$ 683 (2018), considerando uma permanência de 4 dias em São Paulo, resultando em um crescimento de 28%. Cerca de 26% dos 1.103 foliões entrevistados ficaram hospedados em casas de amigos ou parentes. Destes foliões, o total de 35,3% estiveram no Carnaval de Rua paulistano pela primeira vez. Quando comparada a organização do evento em relação aos anos anteriores, aproximadamente 70% elogiara a festa, dizendo que está melhor do que nos anos anteriores. Cabe destacar, ainda, que em 2018, 88,6% dos entrevistados afirmaram que a Prefeitura de São Paulo deve continuar apoiando o Carnaval de Rua paulistano, porém em 2015, no primeiro ano da pesquisa, todos os entrevistados disseram que a Prefeitura deveria apoiar o Carnaval de Rua de São Paulo.

O perfil do público do Carnaval de Rua, quando comparado com o dos entrevistados no Sambódromo, em 2018, demonstra uma presença maior de jovens - 81,8% tem entre 18 e 39 anos, contra 60,4% entre 30 e 59 anos no Sambódromo. Além disso, 92,8% do público do Carnaval de Rua mora na própria capital paulista, enquanto no Sambódromo este número é de 66,7%. Assim, evidencia-se o forte apelo do Carnaval de Rua para os jovens paulistanos.

Em 2016, o total de 355 blocos cadastrados pela Prefeitura de São Paulo promoveram cerca de R\$ 400 milhões em negócios na economia em São Paulo, considerando não apenas o dinheiro gasto nos blocos, mas também despesas realizadas por turistas e moradores durante todo o Carnaval. Para efeito de comparação, a Prefeitura registrou o valor de R\$ 181 milhões em 2014. Ainda, considerando os resultados da pesquisa de 2018, e os números de público divulgados pela Prefeitura nos blocos de rua (12 milhões de pessoas) e pela Liga das Escolas de Samba de São Paulo no Sambódromo (120 mil pessoas), o Observatório de Turismo e Eventos calculou em seu relatório que o impacto econômico gerado pelo sucesso do Carnaval de São Paulo 2018 foi de cerca de R\$ 730 milhões (sendo R\$ 550 milhões no Carnaval de Rua e R\$ 180 milhões no Sambódromo), superando assim a expectativa inicial de uma movimentação de R\$ 650 milhões com o evento, consolidando o Carnaval de São Paulo como um dos eventos mais importantes para a cidade, no ponto de vista social e econômico. O evento é lucrativo, na visão da Prefeitura, uma vez que o Carnaval movimenta o comércio popular, o ramo hoteleiro, restaurantes, supermercados e o setor de transportes por exemplo. O investimento em 2016 foi de aproximadamente R\$ 12 milhões de reais, sendo que deste montante R\$ 3,5 milhões foram proporcionados por patrocinadores.

Os blocos, conforme relatado anteriormente, são majoritariamente jovens, porém a tendência é que sejam cada vez mais criados blocos de acordo com o perfil demográfico e socioeconômico. Podemos citar como exemplo, blocos que possuam a temática LGBTI, blocos infantis e para o público idoso, blocos alinhados a algum estilo específico musical, entre outros.

A EXPANSÃO DO CARNAVAL DE RUA DE SÃO PAULO

Conforme os relatórios da SPTuris, é nítido o crescimento do Carnaval de Rua de São Paulo no período compreendido neste estudo, ou seja, a partir de 2014. Este movimento tem origem no resgate do Carnaval de Rua do Rio de Janeiro, onde ocorre o principal Carnaval do país, que atrai milhões de pessoas nas ruas e na Marquês de Sapucaí, fomentando assim o turismo da cidade e proporcionando oportunidade de renda para a população no início do ano. Conforme artigo acadêmico publicado por Herschmann (2013, p.271), podemos verificar semelhanças entre os carnavais de rua realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro, uma vez que, segundo dados da Prefeitura do Rio de Janeiro, no ano de 2013, nos blocos autorizados pelo poder público, “(...) aproximadamente 5,3 milhões de foliões desfilaram nos mais de 500 blocos pelas ruas do Rio durante o período de 13 a 26 de fevereiro (...).a região do Centro da cidade (e áreas da Zona Sul) é tradicionalmente a que concentra o maior público que acompanha os cortejos dos blocos (...)”.

Ainda, observamos no Rio de Janeiro processo semelhante ao ocorrido na expansão do Carnaval de São Paulo, com a integração dos blocos oriundos nas capitais paulista e carioca. Podemos citar, como exemplo, blocos em São Paulo que atraem multidões e que viraram modelos de negócio inclusive, como o Casa Comigo, Agrada Gregos, Acadêmicos do Baixo Augusta (em São Paulo). No Rio de Janeiro, destacam-se os blocos criados por músicos e artistas, como o Monobloco, Sargento Pimenta (que em suas apresentações executam músicas dos Beatles em ritmo de marchinhas de Carnaval), Bangalafumenga, Bloco da Preta e o Bloco das Poderosas (das cantoras Preta Gil e Anitta, respectivamente). Herschmann divide em dois fatores este crescimento dos blocos de rua, sendo que o contexto carioca se aplica, em partes, a São Paulo, conforme observado a seguir:

“(...) Poder-se-ia dividir em “duas ondas” este segundo momento de crescimento dos blocos. Uma, na primeira metade da década passada, em que claramente havia uma preocupação da juventude que frequentava o circuito da Lapa com a retomada e expansão da “tradição do samba de raiz” (HERSCHMANN, 2007): traçam-se parâmetros que vão nortear a criação de alguns blocos sempre citados como referências fundamentais, tais como Cordão do Boitatá, Boi Tolo e Céu na Terra (que tradicionalmente arrastam centenas de

milhares de pessoas pelas ruas da cidade). E, a “segunda onda”, que começou na segunda metade da década inicial do século 21, que veio se somar ao movimento sociocultural existente, e que colocaram no epicentro os blocos temáticos, os blocos das fanfarras, os cortejos de rua que incorporam outros ritmos (e outros gêneros musicais atípicos do mundo do samba) e, ainda, os blocos que estão ligados à trajetória de músicos profissionais. Poder-se-ia mencionar como exemplos destes blocos os seguintes agrupamentos: Sargento Pimenta, Orquestra Voadora, Monobloco, Bloco da Preta, Cinebloco, Gigantes da Lira, Fogo & Paixão e Super Mario Bloco, entre vários outros. (...). (HERSCHMANN, 2013, p. 276).

Outro fator que contribuiu para a expansão do carnaval de rua tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo foi a crise da indústria da música, uma vez que a drástica queda nas vendas de discos de estúdio e a consequente aumento de apresentações ao vivo, bem como da maciça interação com o público por meio das redes sociais, proporcionaram aos músicos, em especial os profissionais e de uma carreira já consolidada na mídia, de diversos estilos musicais (rock, pop, sertanejo, eletrônico, funk, pagode, axé, entre outros), transitassem no mundo do carnaval, com apresentações em trios elétricos e de forma gratuita, proporcionando exposição na mídia e expansão de seu alcance ao público em geral. Ainda, a possibilidade dos blocos captarem recursos por meio da Lei Rouanet¹ também contribuiu para a participação destes artistas no Carnaval.

Diante deste cenário, a expansão dos blocos de rua no carnaval paulistano tornou-se cada vez mais nítida. Conforme exposto em artigo da Época Negócios publicada em março de 2016, tanto o número de blocos como o número de foliões aumentaram consideravelmente no intervalo de dois anos. A quantidade de blocos aumentou de 170 cadastrados pela Prefeitura de São Paulo em 2014 para o total de 355 cadastrados em 2016. Por outro lado, os números demonstram que metade destes blocos participantes do Carnaval 2016 estavam concentrados em dois bairros especificamente: Sé e Pinheiros, atraindo predominantemente a classe média paulistana, dentre os quase dois milhões de foliões que participaram dos blocos de rua em 2016.

Para a Prefeitura de São Paulo, o aumento é provocado por dois fatores, o cultural e o burocrático. Com a publicação do Decreto Municipal nº 54.815, de 5 de fevereiro de 2014, a municipalidade alinhou a política pública de incentivo à ocupação do espaço público de forma democrática e participativa, e o Carnaval

¹ Lei Federal nº. 8.313/91, que instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), do Governo Federal..

Paulistano deixou de ser concentrado em clubes e no sambódromo, para que as ruas assumissem o papel de protagonista do carnaval paulistano, por meio dos blocos de rua. A criação de uma legislação municipal que regulamentasse o Carnaval de Rua de São Paulo foi bem aceita pelos criadores dos blocos, uma vez que agora estes blocos contavam com o apoio institucional da Prefeitura de São Paulo, que passou a instalar banheiros químicos e promover a limpeza das ruas, por meio da Autoridade Municipal de Limpeza Urbana – AMLURB, além do controle do trânsito com o auxílio da São Paulo Transportes – SPTrans e Companhia de Engenharia de Tráfego – CET. Alguns blocos também contam com apoio de patrocinadores locais, como estabelecimentos comerciais e indústrias presentes nos respectivos bairros em que os blocos desfilam.

Alguns blocos foram criados recentemente, graças à esta expansão dos blocos de rua em São Paulo. O artigo publicado na *Veja São Paulo* em fevereiro de 2018 traz o exemplo do perfil empreendedor dos criadores do Bloco Agrada Gregos, que contou com mais de meio milhão de foliões no Carnaval 2018, segundo os organizadores do bloco. Este bloco é o pioneiro na temática LGBTI, e o desfile de 2018, realizado na região do Ibirapuera, teve um público quase sete vezes maior do que o de 2017, realizado na região do Bixiga. O bloco foi criado em 2015 por Nathalia Takenobu (publicitária), Gabriel Ribeiro (administrador de empresas) e Armando Saullo (radialista), após os amigos pesquisarem no Google a frase “como montar seu bloco de rua”. Após acessarem o edital de chamamento da Prefeitura de São Paulo com as instruções para participação no Carnaval de Rua, o trio cumpriu os requisitos necessários para aprovação e juntou R\$ 9.000,00 (nove mil reais) para o Carnaval 2016. Diante do orçamento modesto, a preparação do bloco foi feita de forma artesanal, por meio da participação de amigos e familiares dos criadores do Agrada Gregos. O primeiro desfile contou com um pequeno trio elétrico, na Rua Treze de Maio, na Bela Vista, e a partir daí o bloco só cresceu. A expectativa dos fundadores do bloco era de reunir no máximo duas mil pessoas no dia do desfile, porém uma quantidade nove vezes maior compareceu, colocando o Agrada Gregos entre os vinte maiores blocos do Carnaval 2016. Diante da popularidade e aceitação do bloco, o grupo buscou a profissionalização e tornou-se uma empresa com atividades paralelas ao Carnaval, como agenciamento de DJs, organização de festas corporativas, formaturas, casamentos, buscando alcance nacional. Os

responsáveis pelo Agrada Gregos esperam faturar aproximadamente um milhão de reais em 2018, sendo que o desfile realizado no Ibirapuera no Carnaval 2018 consumiu aproximadamente R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais), e o grupo busca “reinvestir tudo no negócio para manter o bloco com qualidade e de forma gratuita”, conforme fala de Gabriel Ribeiro, um dos seus fundadores.

Outro exemplo de sucesso no carnaval de rua de São Paulo vem do bloco Acadêmicos do Baixo Augusta, criado em 2009. Este é o maior bloco da cidade em número de participantes, reunindo mais de um milhão de participantes e artistas consagrados que abrem mão de seu cachê para se apresentar ao público do bloco, como Maria Rita, Tulipa Ruiz, Leci Brandão e Wilson Simoninha. Um de seus criadores, o produtor cultural Alê Youssef, juntamente com conselheiros (apelidados no bloco de “ministros”), transformaram o Acadêmicos do Baixo Augusta em uma organização da sociedade civil. Conforme matéria da Veja São Paulo, o custo estimado da festa é de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), bancados por patrocinadores como PepsiCo (marca Doritos) e Heineken Brasil (marca Amstel). Youssef afirma que poderia “...ganhar muito dinheiro, mas temos uma posição ativista, de ocupação do espaço público, que não combina com o modelo de uma empresa”. Todo custo estimado e valor é investido apenas no Carnaval, sem lucro para os envolvidos.

O bloco Confraria do Pasmado, fundado em 2003, tornou-se uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, em 2014. Um dos diretores do grupo, o cineasta Eduardo Piagge, disse à Veja São Paulo que o bloco começou com vinte pessoas, sem custo, que tocavam nas festas na USP e sonhavam em desfilar na Vila Madalena, reduto do bloco. O crescimento é nítido, uma vez que o desfile reuniu em 2018 aproximadamente trinta mil pessoas, a um orçamento estimado de R\$ 80.000,00 (oitenta mil reais) que inclui os ensaios do grupo ao longo do ano.

Por fim, podemos ainda citar a história do Bloco Casa Comigo, que desfila na Avenida Faria Lima, no Pré-Carnaval. Este bloco, juntamente com o Agrada Gregos, citado anteriormente, foram os mais citados pelo folião conforme a pesquisa da SPTuris. O bloco surgiu de um grupo de amigos, e também promovem festas ao longo do ano, especialmente destinadas ao público universitário, com o objetivo de

expandir a marca e se consolidar como um dos principais blocos da folia paulistana. O Casa Comigo surgiu em 2013, com trinta pessoas, fantasiados de noivos e noivas na Rua Beatriz, na Vila Madalena. Dois anos depois, em 2015, o bloco levou vinte e cinco mil pessoas ao mesmo local, em um evento que custou R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais). A partir de então, diante de uma situação em que seus organizadores cogitaram encerrar as atividades do bloco em virtude do crescimento além do previsto, os mesmos foram pelo caminho contrário, buscando a profissionalização do bloco como um todo e hoje o Casa Comigo possui uma equipe de 300 (trezentos) colaboradores por desfile, além de promover cinco festas ao longo do ano. Em 2017, aproximadamente 700 mil pessoas se espremeram no Largo da Batata para acompanhar o Casa Comigo, que teve em 2018 um orçamento de R\$ 100.000,00 (cem mil reais), financiados pela Heineken Brasil (por meio da marca de cerveja Amstel) e pela Malwee Brasil (por meio da marca de roupas Enfim). Um dos sócios do bloco, o produtor cultural Raphael Guedes, disse à Veja São Paulo que “apesar do crescimento, tentamos manter o clima de celebração entre amigos, sem grandes pretensões”.

Para o Carnaval 2019, a Prefeitura de São Paulo decidiu, por meio do Edital de Chamamento publicado no Diário Oficial em 02 de outubro de 2018 as regras e as datas do carnaval de rua paulistano do referido ano. Em relação aos anos anteriores, a questão da possibilidade dos blocos terem patrocínio próprio além do oficial do evento (principal ponto discutido e reivindicado pelos representantes dos blocos) foi aceito pela Prefeitura. Ainda, foram definidas as datas do Carnaval, que ocorrerão no período Pré-Carnaval (antes do feriado), Carnaval e o Pós-Carnaval (após o feriado). Outro ponto importante é o fato da Prefeitura incentivar o desfile de blocos menores, em especial na periferia, fomentando assim a economia local. A Prefeitura vai disponibilizar para estes blocos, conforme previsto no edital, recursos do fundo de fomento aos blocos comunitários, ambulância e carro de som para o desfile.

Ainda, estão em estudo alternativas à Avenida 23 de Maio, local que concentrou alguns desfiles em 2018 e que tiveram repercussão negativa em virtude de problemas na organização, o que resultou na superlotação dos blocos e em transtornos aos moradores do entorno, bem como aos pacientes e seus familiares nos hospitais da região em relação ao barulho e às inúmeras alterações no trânsito

local. As avenidas Marquês de São Vicente, Luís Carlos Berrini e Gastão Vidigal estão cotadas para receber os blocos, ficando na Avenida Brigadeiro Faria Lima e na região do Ibirapuera os blocos maiores, que possuem identificação com os circuitos da folia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo demonstrar o cenário atual dos blocos de rua do Carnaval de São Paulo, bem como os motivos que ocasionaram o repentino aumento do público nas ruas e de blocos cadastrados pela Prefeitura de São Paulo nos últimos cinco anos (2014 a 2018).

Preliminarmente, ao compararmos a forma como o Carnaval em São Paulo se desenvolveu, verificamos que enquanto a elite predominava nos desfiles do curso realizados na Avenida Paulista há cem anos, hoje temos a ocupação das ruas por parte dos jovens de classe média, principalmente nos blocos que desfilam nos bairros Vila Madalena, Pinheiros e Sé.

Outro aspecto observado no decorrer da pesquisa foi o fato dos blocos de rua, atualmente incentivados pela Prefeitura de São Paulo, adotarem uma tendência antiga e seguirem com o mesmo fluxo ocorrido na década de 1940, que foi da expansão do Carnaval de Rua, que era realizado apenas nas regiões mais centrais de São Paulo, para outros bairros mais afastados do Centro, proporcionando assim a ocupação dos espaços públicos e trazendo mais uma opção de lazer, cultura e diversão para o público que reside nos bairros da periferia.

Ainda, podemos destacar que o Carnaval de Rua de São Paulo trouxe fomento à economia criativa e solidária, por meio da renda gerada no decorrer do evento pelo comércio popular, transporte por aplicativos, turismo, hospedagem, restaurantes, bares, casas noturnas, entre outros setores. Os blocos também são vislumbrados como oportunidade de negócio para jovens empreendedores como também para músicos já conhecidos no meio artístico e público em geral, dos mais diferentes estilos musicais, conforme visto neste estudo, uma vez que o investimento para criação de um bloco e o montante destinado ao desfile são irrelevantes, se comparado ao lucro e retorno que este mesmo bloco pode ter antes, durante e depois do Carnaval.

Finalizando, o Carnaval de Rua de São Paulo tende a crescer ano após ano, ampliando seu alcance em toda a capital, seja na região central, seja na periferia, consolidando assim um novo estilo de festa, que promove a ocupação de

espaços públicos e a participação popular, para o público paulistano e para os turistas que visitam a cidade no período da festa. O Carnaval faz parte da cultura brasileira, e por meio da democracia proporcionada pela festa em si em São Paulo, temos, em um mesmo espaço público, pessoas de diferentes características socioculturais, promovendo assim a democracia na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCOS DE RUA. Como montar um bloco de Carnaval: Tutorial com tudo o que você precisa saber. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www.blocosderua.com/arquivos/noticias/como-montar-bloco-carnaval>>. Acesso em: 26. Nov. 2018.

CARVALHO, Marizilda de. Carnaval e samba na terra da garoa. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 83-96, 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/12157/9472>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

DESTAK. Berrini e Marquês de São Vicente devem abrigar blocos de rua no Carnaval 2019. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www.destakjornal.com.br/cidades/sao-paulo/detalhe/berrini-e-marques-de-sao-vice-devem-abrigar-blocos-de-rua-no-carnaval-2019>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

EBC. Em São Paulo, foliões se concentram na Vila Madalena após passagem dos blocos. São Paulo, 2017. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-02/em-sao-paulo-folioes-se-concentram-na-vila-madalena-apos-passagem-de-blocos>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

ÉPOCA NEGÓCIOS. Carnaval em SP: um raio X do renascimento dos blocos de rua. São Paulo, 2016. Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/03/carnaval-em-sao-paulo-um-raio-x-do-renascimento-dos-blocos-de-rua.html>>. Acesso em: 13 set. 2018.

G1 SÃO PAULO. Prefeitura de SP divulga data e regras para o carnaval de rua 2019. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2019/noticia/2018/10/02/prefeitura-de-sp-divulga-data-e-regras-para-o-carnaval-de-rua-2019.ghtml>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

G1 SÃO PAULO. Agrada Gregos arrasta multidão no Ibirapuera ao som de MC Loma e Gretchen. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2018/noticia/agrada-gregos-arrasta-multidao-no-ibirapuera-ao-som-de-mc-loma-e-gretchen.ghtml>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

HERSCHMANN, Micael. Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., Dez 2013, vol.36, no.2, p.267-289. ISSN 1809-5844. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69831537013>>. Acesso em: 18 set. 2018.

SÃO PAULO, PREFEITURA DE. DECRETO Nº 54.815, DE 5 DE FEVEREIRO DE 2014. Carnaval de Rua da Cidade de São Paulo, São Paulo, SP, fev 2014. Disponível em: <<http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/decretos/D54815.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SÃO PAULO, PREFEITURA DE. DECRETO Nº 55.878, DE 29 DE JANEIRO DE 2015. Carnaval de Rua da Cidade de São Paulo, São Paulo, SP, jan 2015. Disponível em: <<http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/decretos/D55878.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SÃO PAULO, PREFEITURA DE. DECRETO Nº 56.690, DE 7 DE DEZEMBRO DE 2015. Carnaval de Rua da Cidade de São Paulo, São Paulo, SP, dez 2015. Disponível em: <<http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/decretos/D56690.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SÃO PAULO, PREFEITURA DE. DECRETO Nº 57.916, DE 5 DE OUTUBRO DE 2017. Carnaval de Rua da Cidade de São Paulo, São Paulo, SP, out 2017. Disponível em: <<http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/decretos/D57916.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SÃO PAULO, PREFEITURA DE. LEI Nº 14.485, DE 19 DE OUTUBRO DE 2007. Calendário de eventos e festividades do município de São Paulo, São Paulo, SP, jul 2007. Disponível em: <<http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/leis/L14485.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SÃO PAULO, PREFEITURA DE. DECRETO Nº 16.528, DE 25 DE JULHO DE 2016. Estatuto do Samba Paulistano, São Paulo, SP, jul 2016. Disponível em: <<http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/leis/L16528.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SPTURIS. Observatório do Turismo. Relatório do Carnaval Paulistano, São Paulo, SP, 2015-2018. Disponível em: <<http://www.observatoriodoturismo.com.br/category/estudos-e-publicacoes/>>. Acesso em: 03 set. 2018.

SILVA, Zélia Lopes da. Os foliões paulistanos nos carnavais massificados dos anos 1950. In: Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964) [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 99-160. ISBN 978-85-68334-54-6. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/fmyd3/pdf/silva-9788568334546-03.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

VEJA SÃO PAULO. A história da Bossa Nova contada por sete bares paulistanos. São Paulo, 2018. Disponível em < <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/os-bares-paulistanos-da-bossa-nova/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

VEJA SÃO PAULO. Cordões de Carnaval de São Paulo surpreendem com altos lucros. Disponível em < <https://vejasp.abril.com.br/cidades/carnaval-2018-blocos-lucros-empresas/>> . Acesso em: 13 nov. 2018.